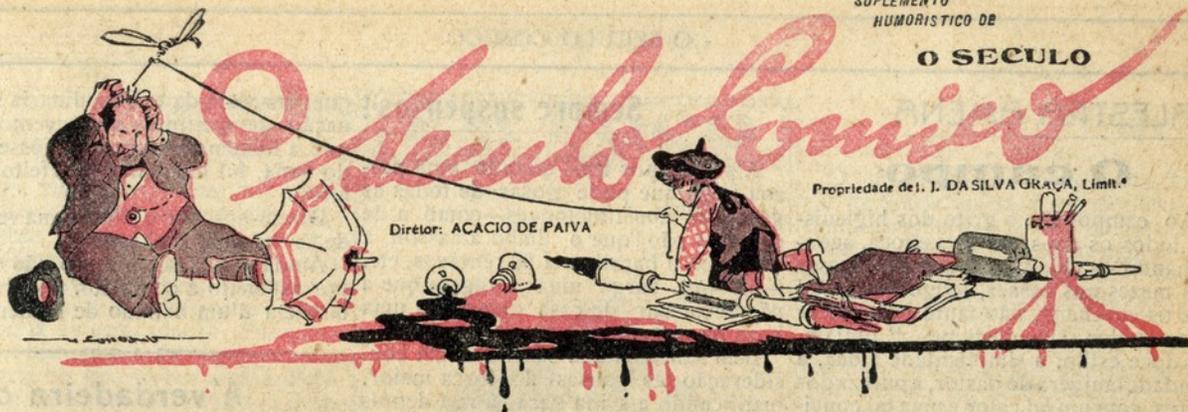


SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



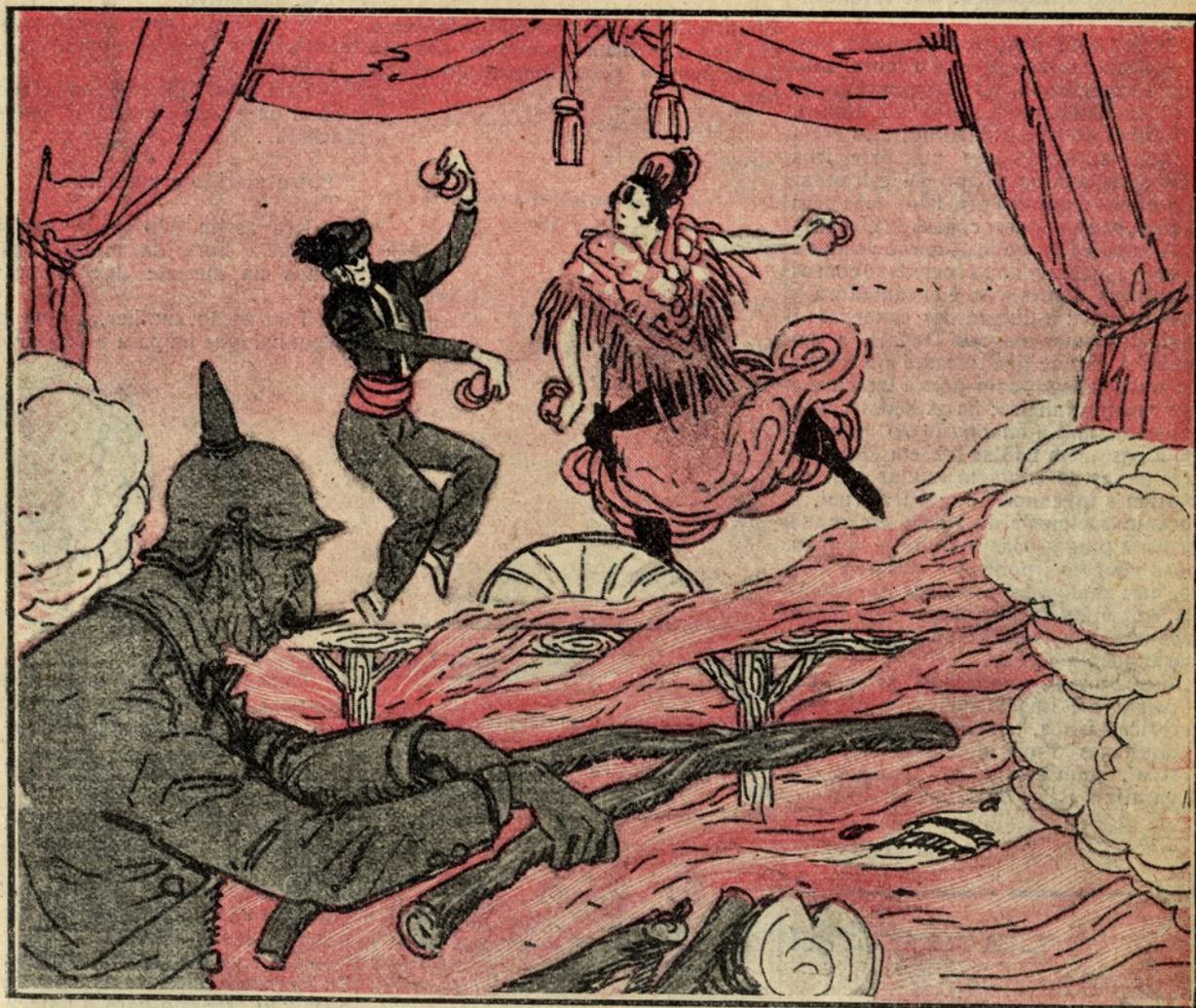
Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

# Olé! olé!



— Caramba, Chica! Hay fuego en los bajos! Me parece que nos vamos a derretir!

## PALESTRA AMENA

## O campo

Ao campo! Eis o grito dos higienistas todos os anos por esta época, aconselhando os cidadãos a que vão passar uns mezes nos caseas, longe da capital que os envenena, não tanto pelo seu ar como pelos seus costumes. E pintam, em doce estilo, a simplicidade aldeã, a bondade lanigera do pastor, a pureza dos lares, com um tal calor e uma tal convicção que bem parece que os ditos higienistas, medicos em geral, tomam principalmente a peito o verem-se durante algum tempo livres de doentes importunos, que não tem remedio senão aturar no inverno.

O verdade é que a Lisboa rica, ou antes a remediada, dá ouvidos aos prégadores—que não deixam de ter razão—e faz-lhes a vontade, favorecendo-os com a sua ausencia de julho a setembro e buscando temperar o espirito corrompido no banho de moral que a aldeia tem á disposição dos veraneantes.

Tem razão, sim, os higienistas, mas n'elles fala muita vez mais a fantasia do que a experiencia. O camponez está, evidentemente, mais perto do homem primitivo do que o cidadão; mas creia o lisboeta incauto que nos primeiros dias de estada no campo vai estranhar a casa—o que era previsto—mas para pior, se a comparar com as de Lisboa... A telha vã é poetica—mas o vento e a chuva incomodam; a sociedade com os animais domesticos é encantadora—mas enfastia; a dureza das enxergas é higienica—mas magôa. Depois, a comida. A cidade fica distante e a carne de vaca chega com pouca frescura e por muito dinheiro; ha as hervas, bem sabemos, mas a adaptação do estomago á pastagem não se faz em dois ou tres mezes. O contacto salutar com os costumes ingenuos? Sim; é fraternal, é tocante a teimosia do aldeão em que se prove a pinga—mas o vinho a toda a hora aborrece; pôde-se recusar, é certo, mas então advém o risco da paulada, que é um excelente exercicio fisico mas muito mais para quem a dá do que para quem a recebe...

E posto isto, vamos fazer as malas e deixar até fins de setembro esta fosforica Lisboa, tambem levados pelas doutrinas d'um higienista que, por sinal, nunca saiu de Lisboa senão para ir a Paris ou Lourdes.

J. Neutral.

## Caramba!

No Porto o hespanhol José Cuartelano subiu á torre dos Clerigos, pela parte exterior, até á cruz do alto, sem auxilio de corda ou qualquer outro aparelho: com as unhas, como os gatos.

## Sempre suspensos!

A's duas por tres, quando uma pessoa julga que pode gosar de todas as garantias constitucionaes—como a de comer o pão que o diabo amassou, a de pagar o bacalhau a 80 centavos, etc.—eis que surge uma zaragata que a não deixa sair de casa depois da uma hora da noite.

Bem sabemos que são tidas em consideração as causas de força maior, justificando a saída para a rua depois de essa hora, mas como a autoridade não publica a lista respetiva, o cidadão



nunca sabe se a necessidade que o obrigou a ir á rua é ou não das que desculpam o procedimento do alfaiate.

que, em vista da extraordinaria combinação de semifusas que inventou para que a homenagem musical fôsse digna do tema, foi imediatamente feito academico.

Dizem-nos que o hino é, na verdade, de se lhe tirar o chapéu.

Ainda d'esta vez o sabio não se dará por satisfeito e completo? Ou precisará tambem d'um bailado de homenagem?

## A verdadeira crise

O patrão, para a criada, depois de comer a sopa do jantar:

—Então você não traz o resto?

A criada:

—Não ha mais nada.

A dona da casa:

—Bem sabes que o dinheiro não chega para mais. Hoje são 15: sabes quanto temos para governar a casa até ao fim do mez?

—Quanto?

—Vinte mil réis!

Ele, pensativo:

—Tens razão, tens; não ha outro remedio senão fazer economias...

—Já vês...

—Está bem. Olha: dá cá cinco mil réis aí da gaveta para eu ir jantar ao Tavares...

Entre marido e mulher.

Ela:

—Isto assim não pode continuar! Tudo pela hora da morte e os teus ganhos na mesma: dez tostões por dia!

—Tens razão, mulher, é uma pouca vergonha! Que ha para o jantar?



—Duas peras. Deste-me só dois tostões para para as despezes de hoje... Para que diabo ficas tu com os oito tostões restantes?

—Ora essa! para ir aos touros!

Na rua do Ouro, entre amigas:

—Então que me dizes ás modas d'este ano?

—Modas? isso não é para mim! Imagina que não pude mandar fazer senão tres vestidos de verão!

—Tres vestidos? és uma felizardaz! Eu só mandei fazer um, para poupar. Nem vou este ano para o Estoril.

—Porquê?

—Poupo assim uns quinhentos mil réis. Adeus.

—Adeus? para onde vais com tanta pressa?

—Vou ali áquele ourives comprar uns brincos que vi na minha praça por quatrocentos e noventa mil réis e tenho receio que ele os venda a outra...

## Até já tem hino!

Imaginavamos que depois da celebração do centenário da academia do sr. Antonio Cabreira—aliás doutor—nada mais faltava para a gloria d'este eminente matematico. Enganamo-nos, po-



rém; sua excelencia ainda não chegou ao estado de saturação e todos os dias aumenta de capacidade, n'uma resistencia cuja formula só ele será capaz de calcular.

Agora lambe-se sabem com quê? Com um hino, nem mais nem menos, de maestro provinciano até hoje desconhecido, mas que vai passar á historia por-

## O Lacrima-Cristi

(Conto moralissimo)

Certo lavrador de uma das provincias do sul, deixou, por morte, a seus sobrinhos Julio e Paulo, todos os bens que possuía: isto é, a casa de habitação, um sacco com bom dinheiro em metal soante e um pequeno casebre que servia de arrecadação. Paulo, que vivia na aldeia visinha, logo que soube da morte do tio, correu a casa d'ele e dando com o sacco de dinheiro despejou-o e apropriou-se de quasi toda a maquia, deixando uma quantia insignificante, a fim de não se desconfiar do roubo.

Quando o Julio chegou, da cidade afastada onde residia, o Paulo disse-lhe:

—Os desejos de meu tio era que eu fica-se com a casa de habitação e tu com a da arrecadação. Disse-me tambem em tempo que repartissemos o dinheiro que deve estar n'este sacco.

O Julio sabia perfectamente que o tio era rico e ficou admiradissimo quando viu o conteudo do sacco. Fez, porém, das tripas coração e dirigiu-se para o casebre que lhe ficara. Era uma especie de cabana, que não tinha senão garrafas vasias. Ao vê-las, e desconfiado de que o irmão tinha feito grande patifaria, ocorreu-lhe uma idéa que lhe pareceu boa: voltou para a cidade e comprou n'um armazem de vinhos uma garrafa de Lacrima-Christi, por quarenta escudos—o nectar mais caro que havia no estabelecimento. Em

## EM FOCO



Gil Goes

Quem é Gil Goes, o heroe das aventuras Da rua de Saraiva de Carvalho? Misterio! Em vão nos damos ao trabalho De mil e pacientissimas procuras.

Um sabio, que não foi das escrituras Mas que foi grego e, sem favor, um alho, Fez, como nós, figura de espantallo, Vendo tanto com luz como as escuras.

Do intento desistimos; acabou-se, Mas se acaso o leitor, que é nosso amigo, Souber quem ele seja ou ele fosse

E o caso não quizer guardar consigo Mande dizer, que nós damos-lhe um doce Tao saboroso que lhe chama um figo!

BELMIRO.

## Padeiro poeta

Na redação d'um colega nosso foi ha dias apresentado um pão intragavel, o qual, segundo as palavras do jornalista que o examinou, continha «caruncho» e «funcho».

Ora estas duas substancias são, alem de não panificaveis, evidentemente heterogeneas, não se explicando que um padeiro vulgar tenha tido o capricho de as misturar com farinhas de cereaes. O *caruncho* ainda passa; mas o *funcho*?

Uma só explicação encontramos para o estranho caso. Trata-se d'um padeiro *doublé* de poeta, que juntou as duas mercadorias referidas apenas porque as suas denominações rimam entre si.

Se calhar o homem ao pão de luxo chama pão de «luncho».

Isto de pão sempre está um tal faduncho!

## Novo «sport»

Os jornaes teem trazido ultimamente o anuncio seguinte: *Extração de dentes, gratis—Das 10 ás 12 na rua 1.º de Dezembro, 101, 2.º.*

Evidentemente não se trata de um dentista profissional, porque se o fosse, levaria dinheiro. Ou é amador, que escolheu esse genero de exercicio para fortalecer os musculos do braço, ou aprendiz de dentista, que deseja fazer tirocinio.

Seja como fôr, profetisamos-lhe um *sucesso* de concorrência: de borla quem é que se oporá a que lhe arranquem os dentes?

## Pitagoras

O nosso querido naturista dr. Amilcar de Sousa revela, n'um dos seus ultimos escritos em letra redonda, que Pitagoras toda a vida se sustentou apenas de frutos, que durou cem anos e que veio a morrer de um desgosto.

A' primeira vista o exemplo do illustre carpinteiro (como se sabe, Pitagoras foi o inventor das taboas) parece que deve ser seguido; entretanto, quem bem examinar a sua biografia tem de concluir que o homem não andou lá muito bem em escolher aquele modo de alimentação, visto que, como o proprio sr. dr. Amilcar de Sousa confessa, morreu de um desgosto.

Ora que desgosto teria levado á sepultura um sabio a quem todos admiravam e queriam?

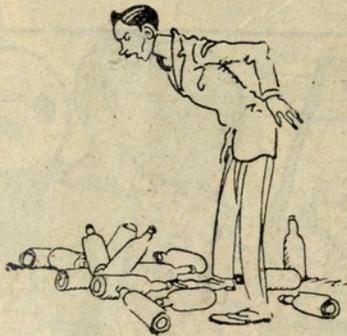
Só um podia ser: o de nunca ter comido carne.

Nem mais.

## Felicitações

Diz um jornal que a distinta atriz Aura Abranches teve a sua *délivrance*, sendo muito feliz.

Ora a mania que as senhoras teem ha tempos para cá de dar á luz em francez!



seguida voltou ao casinhoto, despejou o precioso liquido n'uma garrafa empoeirada e encheu todas as outras com agua tinta levemente com vinho.

Depois foi á cidade e convidou os seus amigos para um jantar, a fim, disse, de festejar a herança.

A' hora combinada os convivas apareceram, entraram e sentaram-se á mesa. Paulo, que estava intrigadissimo por aquelas idas e vindas para os preparativos do jantar, o que muito estranhava, porque sabia que o irmão era pobre, dirigiu-se como quem não quer a coisa, para o casebre na intenção de descobrir a chave do enigma. Julio, que espreitava pela janela, viu aproximar-se o irmão, como esperava, e logo agarrando n'uma garrafa e mostrando-a aos convivas disse de modo que Paulo ouvisse:

—Esta garrafa de Lacrima-Christi vale quarenta escudos. Tenho aqui mais setecentas...

O Paulo ia desmaiando com a surpresa.

(Continúa)



## O espirito alheio

O Marques conversava uma noite d'estas no café Martinho.

O amigo:

—Está calor, hein?

—Está, está.

O amigo:

—Não estão menos de 25 graus.

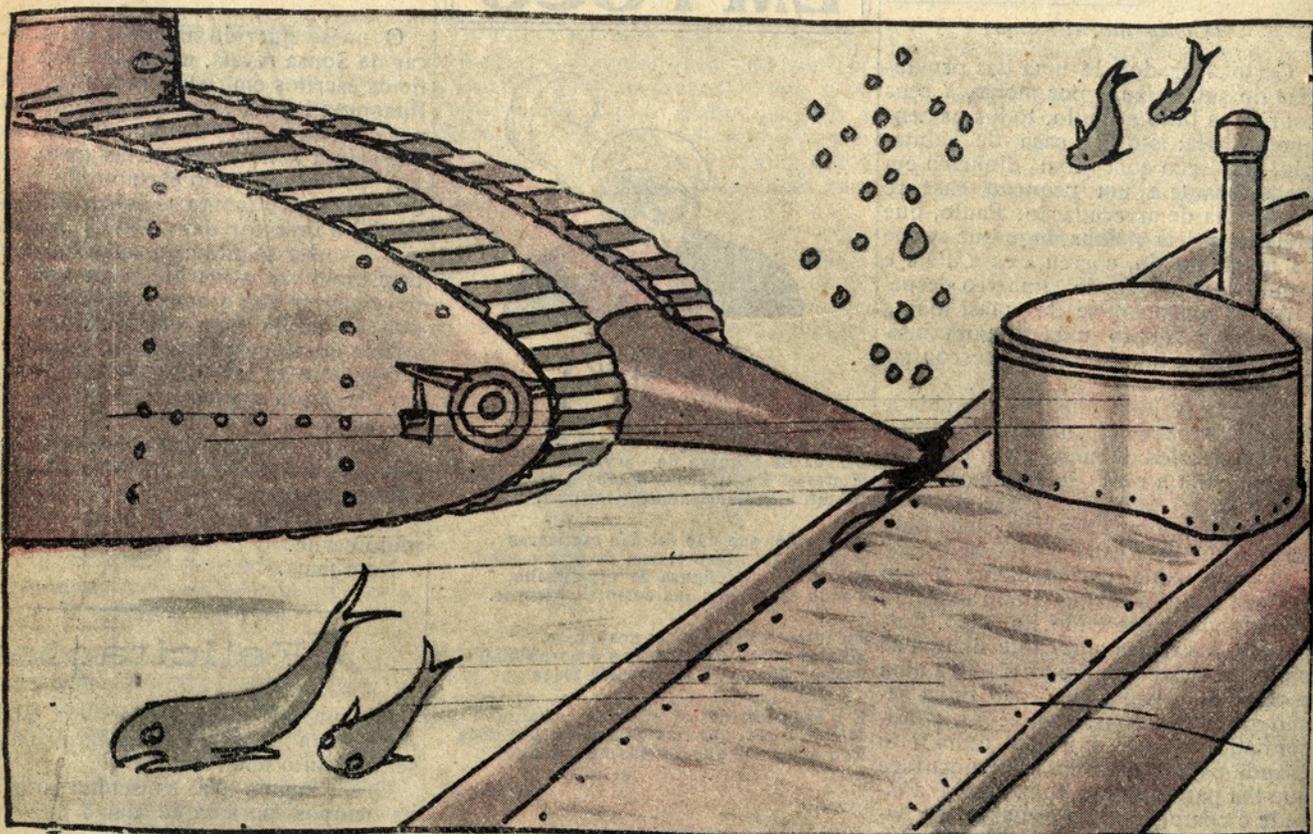
O Marques:

—A' sombra?

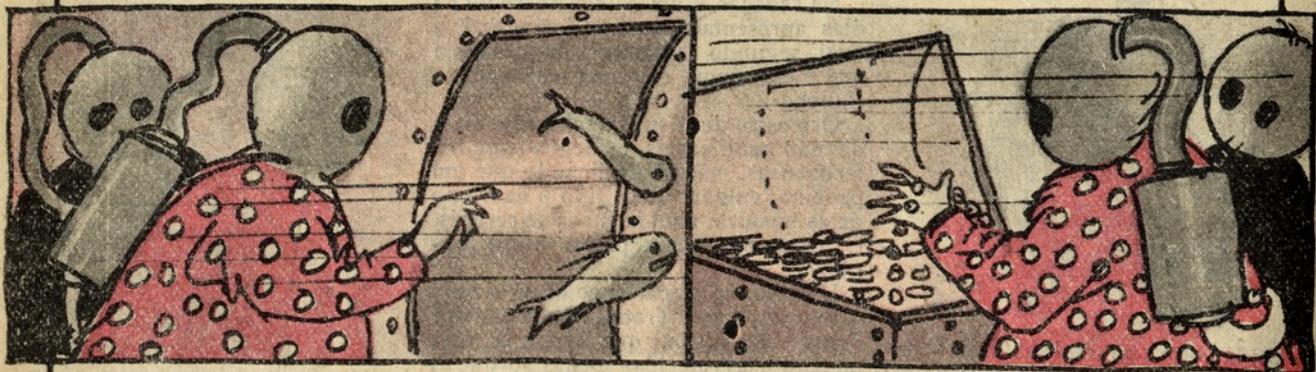
# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

7.ª PARTE A prisão do «Grão de Bico» 2.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)

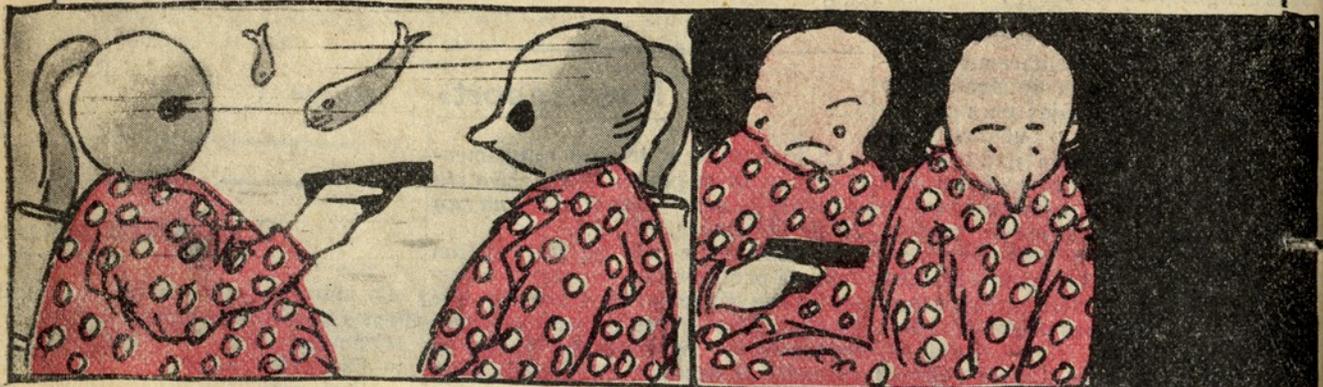


1.—O misterioso aparelho aquático era um «Tank» submarino inventado pelo Manecas de sociedade com o sr. Madureira Chaves. Uma vez a bordo do «Tank», Manecas fa-lo investir contra o submarino suspeito, que fica imediatamente inutilizado.



Manecas encontra a bordo o bandido «Grão de Bico», fiel companheiro do «Nariz de Folha», felizmente já falecido, passa revista ao interior do aparelho

3.—e descobre o tesouro da quadrilha, produto de audaciosos roubos, como o do radio do sr. dr. Decio Ferreira, do quadro do sr. Sousa Lopes e outros objetos de somenos importancia.



4.—Sae do submarino, obrigando o «Grão de Bico» a acompanhá-lo e intimidando-o, sob ameaças de morte, a indicar-lhe o caminho para terra firme.

5.—Perante as ameaças o «Grão de Bico» encaminha o Manecas para um ascensor subterraneo-marino, que conduzirá á liberdade o nosso simpatico amigo.

(CONTINUA)